

DICIONÁRIO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA

AMOSTRA COM
15 PÁGINAS





DICIONÁRIO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA

Termos técnicos utilizados na iluminação de entretenimento

organizado por Alessandro Azuos Iluminação Cênica ©abril/2018 por A. Azuos Digital

<http://alessandroazuos.com.br/>

Essa obra "**DICIONÁRIO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA**" é resultado de minhas pesquisas que faço há mais de 17 anos.

São investigações desde uma época em que não tínhamos a internet como é hoje, épocas que as buscas eram bem complicadas e resolvi começar a guardar meu material de alguma maneira, foi aí que em 2009 criei o blog "**Cartilha de iluminação cênica**" - que está entre os mais antigos do país - e comecei a registrar nessa plataforma digital minhas pesquisas e conteúdos relevantes sobre as criações e atividades na iluminação cênica, assim como outros assuntos que orientam à uma nova forma de "enxergar" a iluminação para o entretenimento.

Atualmente distribuo parte da pesquisa que possuo gratuitamente através de materiais online em meu blog e meu canal no *youtube*, porém alguns materiais serão por aquisição, pois, terão maior exclusividade, dando direito a participar de um grupo online exclusivo além de aulas, *webinars* e contatos exclusivos e mais próximos através da internet.

Este E-book é indicado para você profissional, estudante e pesquisador em iluminação cênica, tendo como abordagem técnica e aplicada quanto ao vocabulário que utilizamos em nosso dia a dia na profissão de iluminação, caso sinta falta de algum termo peça a gentileza de contactar para que seja inserido numa reedição.

Você receberá constantemente emails com conteúdos especiais e um convite exclusivo para fazer parte de um seleto grupo de estudos no Facebook.

Gratidão e muita LUZ nessa sua pesquisa com o "**Dicionário De ILUMINAÇÃO CÊNICA**".

<http://alessandroazuos.com.br/>



Sobre o Organizador



Alessandro Azuos é profissional em iluminação há 17 anos. Pós-graduando no *MBA de Arquitetura e Lighting* pelo IPOG; graduou-se em *Marketing* pela UNICESUMAR e desenvolveu seus estudos em iluminação cênica com o professor argentino Maurício Rinaldi, no Estudio ARS LUX em Buenos Aires/Argentina (primeiro curso em 2010 e um retorno em 2012 por meio de intercâmbio cultural promovido pelo MinC), com o objetivo em abranger e aprofundar seus estudos na área voltada à iluminação cênica do entretenimento e arquitetura, com propósitos que visam tratar a essência da abordagem da estética visual aplicada através da iluminação nos mais diversos ambientes, projetos no entretenimento e arquitetura, quaisquer espaços cênicos.

Atualmente é produtor digital no ramo da iluminação cênica com seu projeto **“Cartilha de iluminação cênica”** e técnico em iluminação na empresa SESC Campinas/SP; foi responsável técnico no SESC Sorocaba, Teatro Iguatemi, LUME Teatro (UNICAMP) e Instituto CPFL Cultura, destaca-se também por assinar projetos de iluminação para teatro, dança, exposições, museus e galerias, além de ministrante e coordenador de oficinas, workshops e palestras sobre a temática da iluminação cênica na região de Campinas e diversos estados brasileiros.

Dentre seus trabalhos em iluminação cênica, aponta seu recente projeto para o Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Campinas (2015), sendo responsável pela instalação e processo técnico de adequação e estruturação da iluminação junto a arquitetura do prédio e totalmente iluminado com a tecnologia em LED, que abriga um riquíssimo acervo da arte sacra e religiosa de Campinas e região que vão desde esculturas, telas, peças sacras e objetos que narram a história do surgimento da cidade desde a chegada dos primeiros cristãos na cidade até os dias atuais.

Desenvolve desde 2009 o blog **“Cartilha de iluminação cênica”**, que, além de ser um dos mais antigos blogs sobre o tema da iluminação em nosso país, é o seu principal projeto digital e tem como objetivo abordar através de vídeos e artigos em blog, toda temática que envolve a iluminação cênica e áreas correlatas, com finalidades didáticas e experimentais, dando acesso aos estudantes e profissionais em iluminação um intercâmbio, assim como aos iniciantes nas áreas da iluminação, às informações técnicas no desenvolvimento da iluminação cênica nos mais diversos espaços; tal fato de sucesso e visualização do blog, fez com que ganhasse um canal pelo youtube em 2015 e nessa plataforma virtual são postados vídeos comentados por Alessandro Azuos sobre o universo lumínico dentro de suas diversas áreas de atuação.

Na mídia possui entrevistas e artigos, com destaque para o artigo assinado na revista *“Luz e cena”*, edição nº 128, de maio/2010, intitulado *“A nova luz do suspense”*, que está disponível em seu blog para leitura.



Caro iluminado!

Tenho certeza que é um “ser luz” que busca crescer profissionalmente e está no lugar certo.

Permita-me chamá-lo assim a partir de agora, mas entenda iluminado no sentido mais filosófico da palavra, citando Platão em seu livro “O banquete”, no famoso e conhecido trecho do Mito da Caverna, em que homens de costas para a fogueira olhavam suas sombras na parede ao fundo da caverna, pois tinham medo de olhar para a luz que havia atrás deles e provocava aquele efeito; você hoje irá até a luz, digo luz com sentido de sabedoria e conhecimento.

Hoje compartilho informações entre você e eu, por que esse e-Book não existiria se você não fosse “ser luz” em busca de novos horizontes e novas informações, diferentes dos personagens de Platão citados, você não quer ver somente as sombras, mas sim, ver o porquê ela ocorre, buscando compreensão, algo além do que está sendo visto e a veracidade do que está ocorrendo.

O “**DICIONÁRIO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA**” surgiu com o intuito de desbravar e disseminar o estudo da iluminação cênica e tudo que acerca a temática da luz e da iluminação de forma gratuita, desde seus princípios mais técnicos, passando por estudos históricos e antropológicos, compreendendo seus paradigmas e acrescentando seus estudos visuais mais profundos nas áreas da psicologia e artes visuais, por isso também é O SEU ESPAÇO SOBRE A ARTE DE ILUMINAR.

Espero que este glossário seja de grande auxílio em suas pesquisas em iluminação cênica, ele só foi possível diante de uma pesquisa particular de aproximadamente 15 anos feita em minhas experiências profissionais através de buscas em muitos livros e revistas do setor, trocas com amigos presenciais e virtuais, cafés e bate-papos com muitos profissionais e em pesquisas nesse universo da internet que hoje em dia nos proporciona um universo grandioso, da qual aproveito e disponibilizo esse material para você.

Seja muito bem-vindo! Luz sempre!

ALESSANDRO AZUOS

*(administrador dos projetos online “**CARTILHA DE ILUMINAÇÃO CÊNICA**”)*



ENTENDENDO O DICIONÁRIO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA

Ser iluminado, explicando um pouco mais sobre o “Dicionário de Iluminação Cênica”:

- encontra-se em ordem alfabética;
- alguns termos estão descritos da forma “sonora como se fala habitualmente” seguida da forma correta de escrita e pronúncia;
- as gírias encontram-se “traduzidas”, é uma linguagem que permanece constante entre os profissionais, por isso minha opção em colocá-las e explicar do que se trata cada termo;
- existem termos em inglês, e poderão aparecer outros idiomas com nomes que se tornaram conhecidos, em que constam a tradução e a explicação técnica do termo;
- muitos termos constam a sua origem, grande parte foi com a ajuda do site “*origemdapalavra.com.br*”, minha parte foi a pesquisa e organização nesse livro;
- AS PALAVRAS QUE ENCONTRAREM EM MAIÚSCULA, SÃO COLOCADAS PROPOSITAMENTE, SÃO TERMOS QUE TAMBÉM ENCONTRARÃO EM OUTRAS ÁREAS DESTE MATERIAL, FIZ ISSO PARA FACILITAR BUSCA E PESQUISA;
- esse material a princípio está disponível somente em E-Book, já se encontra em processo de registro junto a Biblioteca Nacional, portanto deverão ser citados trechos desde que sejam mencionados sua origem neste material;
- não está autorizada a reprodução parcial ou total deste material, seja de qualquer forma, sem o consentimento do organizador;
- esta é uma obra de pesquisa pessoal e profissional, deverão ser respeitadas as características de forma de expressão artística e técnica do organizador;
- última atualização do E-Book realizada em abril/18.

Quaisquer dúvidas, só entrar em contato.

BORA ILUMINAR O MUNDO!

ALESSANDRO AZUOS

(administrador dos projetos online “CARTILHA DE ILUMINAÇÃO CÊNICA”)



GLOSSÁRIO

A

ABA DE METAL: espécie de aletas que ficam à frente do refletor para controlar o vazamento da luz.

Veja também **BARNDOR**.

ABERTURA DE PANO: gíria usada para expressar a “abertura da cortina para começar o espetáculo ou ato”.

Veja também **CAIR O PANO**.

ABERRAÇÃO CROMÁTICA: distorção que ocorre em lentes que não conseguem fazer com que todos os pontos de luz fixem num mesmo local, ocorrendo um anel cromático nas bordas do foco indesejáveis; também pode-se dizer que ocorre a dispersão dos índices de refração nos comprimentos de onda da luz que não são exatos num único ponto.

Veja também **DIFRAÇÃO, INTERFERÊNCIA, POLARIZAÇÃO, REFLEXO e REFRAÇÃO**.

ABNT: Associação Brasileira de Normas Técnicas, é o órgão responsável por toda a normalização técnica no país, fornecendo a base necessária ao desenvolvimento tecnológico brasileiro.

Cabe à **ABNT**, encaminhar ao Comitê Técnico, a solicitação para a verificação de um determinado tema, quando se faz necessário.

A **ABNT** é o Foro Nacional de Normalização por reconhecimento da sociedade brasileira desde a sua fundação, em 28 de setembro de 1940, e confirmado pelo governo federal por meio de diversos instrumentos legais.

Entidade privada e sem fins lucrativos, a **ABNT** é membro fundador da International Organization for Standardization (Organização Internacional de Normalização - ISO), da Comisión Panamericana de Normas Técnicas (Comissão Pan-Americana de Normas Técnicas - Copant) e da Asociación Mercosur de Normalización (Associação Mercosul de Normalização - AMN). Desde a sua fundação, é também membro da International Electrotechnical Commission (Comissão Eletrotécnica Internacional - IEC). A **ABNT** é responsável pela elaboração das Normas Brasileiras (**ABNT NBR**), elaboradas por seus Comitês Brasileiros (**ABNT/CB**), Organismos de Normalização Setorial (**ABNT/ONS**) e Comissões de Estudo Especiais (**ABNT/CEE**).

Fonte das informações e site:
<http://www.abnt.org.br/>

Neste glossário estão listadas as 36 NR referentes à segurança e saúde no trabalho que são as que deverão ser seguidas para as funções técnicas no entretenimento.

Veja a lista em **NR (NORMAS REGULAMENTADORAS)**.

ABRAÇADEIRA: popularmente conhecida como “fita Hellerman”, acessório usados para fixação de eletrodutos ou algum objeto que necessite deste uso; fabricadas em diversos materiais como alumínio, ferro, plástico.

Veja também **CABO DE LAÇO**.

ABRIR O FOCO: gíria usada para aumentar o foco do aparelho de iluminação, que ocorre quando a lâmpada aproxima-se da lente. Nome técnico é **FOCO ALARGADO**.

Veja também **DESCER DE CABEÇA, FECHAR O FOCO, FOCO ESTREITO e SUBIR DE CABEÇA**.



AC: veja CORRENTE ALTERNADA.

ACL (*AirCraft Lighting*): tradução do inglês: "Farol de avião para aterrissagem".

Veja também LÂMPADA e PAR (PARABOLIC ALUMINIZED REFLECTOR).

ACÚSTICA: é a matéria em física que estuda a propagação do som através do espaço; num espaço de espetáculos, ou outro que exija-se trabalho com sonorização, deverá ser feito um estudo antecipado para que o som se propague de forma perfeita ao que se deseja na aplicação do local. A palavra tem origem no grego AKOUSTIKÓS: "o que pode ser ouvido", do verbo AKOUEIN: "ouvir".

Veja também FORRO ACÚSTICO.

ADB: fabricante belga de equipamentos de iluminação (console, dimmers, projetores cênicos e mecanismos/sistemas eletrônicos de varas de manobras de teatro) para entretenimento desde 1920, leva o nome com as iniciais de seu fundador Adrian de Backer; atualmente pertence ao grupo Osram.

Site da empresa ADB:

<https://www.adbstagelight.com/>

ADERECISTA: Profissional cuja função é cuidar dos ADEREÇOS da cena, trabalhando em conjunto com o CENÓGRAFO e FIGURINISTA.

ADEREÇO: Nome dado a pequenos objetos que fazem parte da CENOGRAFIA e FIGURINO de uma obra.

AFINAÇÃO DE LUZ: veja em AFINAR; em inglês utiliza-se o termo *FOCUSING*.

AFINAR: gíria incorporada no meio da iluminação, é o ato de direcionar o refletor para uma área definida, seja ela restrita ou abrangente, essa mesma gíria é incorporada no meio teatral para ajustar bambolinas, coxias

e cortina num teatro, ou mesmo arrumar os adereços, figurinos, etc.

Veja também CRUZAMENTO.

AGRUPAMENTO: termo usado na iluminação que tem como finalidade unir determinados circuitos, ou linhas, em um único grupo, podendo este ser utilizada para criação de efeitos, construção de submasters ou "cues"; esse recurso é muito utilizado na linguagem digital DMX.

Veja também PROTOCOLO DMX e GRUPO.

ALARME DE INCÊNDIO: item obrigatório nas casas de espetáculos, é acionado para avisar um incêndio quanto está descontrolado.

Veja também: CORTINA - CORTINA CORTA-FOGO e NR (NORMAS REGULAMENTADORAS).

ALÇAPÃO: é um recorte feito nos pisos dos palcos para aparição de pessoas ou cenário/objetos cenográficos, através de um elevador, escada e outros equipamentos permitem efeitos de fuga ou aparição em cena.

Veja também ESCOTILHA, QUARTELADA e POÇO DE PASSAGEM.

ÂMBAR: resina fóssil, usada na fabricação de objetos ornamentais, e conforme registros históricos, Tales de Mileto observou e começou a estudar a eletricidade a partir desses objetos, percebeu que esfregando um chumaço de algodão criava-se uma espécie de ímã, que "magicamente" atraía objetos.

As árvores que produzem o âmbar viveram há milhões de anos nas zonas temperadas, principalmente os pinheiros e nas regiões tropicais com várias espécies de leguminosas. As resinas que essas árvores produziam, funcionava como proteção contra as bactérias e contra os insetos que furavam sua madeira. Com o passar do tempo, essa resina foi perdendo água e ar, as substâncias orgânicas que a constituíam sofreram o que os químicos chamam de polimerização: a resina endureceu e se transformou naquilo que conhecemos como âmbar.



AMPÉRE: A unidade padrão para medir a passagem de corrente elétrica através de um circuito; cabos, fusíveis e interruptores são designados por sua capacidade de carga atual. O conhecimento de ampéres serve para evitarmos algum problema ou superaquecimento no cabo e eventualmente um curto circuito. Tem como símbolo universal a letra "A".

AMPLITUDE DE ONDA: Veja FORMA DE ONDA e ONDA ELETROMAGNÉTICA.

ANDAIME: estrutura muito utilizada para trabalho em altura, deverão ser verificadas as questões de segurança conforme as regras da NR-18 – ANDAIMES E PLATAFORMAS DE ACESSO; existem muitos detalhes a serem verificados nesta aplicação para que seja executada com total segurança de seus usuários.

Veja também ABNT, NR (NORMAS REGULAMENTADORAS) e GUARDA-CORPO.

ANFITEATRO: de AMPHÍ: "dos dois lados", mais THETRON. Esse nome foi dado ao juntar a arquitetura de dois teatros e criou-se uma arquitetura que hoje é bem parecida com o que conhecemos como estádios esportivos em geral, um desses exemplos é arquitetura do famoso Coliseu Romano. Hoje em dia o conhecemos como um recinto com arquibancadas ou filas de assentos em semicírculo ou semi-elipse, possui ao centro uma arena onde se fazem representações de grande porte e para muitas pessoas, geralmente não existem as coxias nem mesmo varas de luz, fazendo-os um espaço alternativo, para diversas manifestações artísticas.

A palavra vem do latim AMPHITEATRUM e do Grego AMPHITEATRON: "local de espetáculos duplo, com espectadores dispostos de ambos os lados do palco", Inicialmente os teatros possuíam assentos apenas no lado voltado para o palco. É ainda o caso da maioria ou todos os nossos teatros

atuais. A disposição em anfiteatro é usada para estádios esportivos.

Veja também AUDITÓRIO, PALCO, PLATEIA e TEATRO.

ANGSTROM: é a medida comumente utilizada para lidar com grandezas da ordem do átomo ou dos espaçamentos entre dois planos cristalinos; 1 angstrom é igual a um bilionésimo de dez (1×10^{-10}) de um metro. A unidade é nomeada com o nome do físico sueco Anders J. Ångström tem como símbolo universal a letra A com uma bolinha em cima: Å.

ÂNGULO: é a reunião de dois segmentos de reta orientados (ou duas semirretas orientadas) a partir de um ponto comum. Acredita-se que sua origem venha do latim *angulum*, que é usado para entender as palavras "esquina, canto, dobra", diminutivo de uma base Indo-Européia *ank-*, "dobrar".

ÂNGULO DE RAIOS: o ângulo do "cone de luz" produzido por um refletor.

Veja também BEAM e FIELD.

APARIÇÃO DE FANTASMA: o efeito mais conhecido chama-se "Pepper's Ghost"; foi o primeiro efeito de aparição que se tem registro; a técnica desse efeito é executada através do reflexo por espelhos. As vésperas do Natal de 1862, no Instituto Real Politécnico em Londres, Charles Dickens e J. H. Peppers se unem num acordo e criam uma ilusão através de uma folha de vidro previamente ajustada num ângulo, que refletia um ator que se encontrava no fosso da orquestra, sem que o público percebesse a sua presença, várias peças foram escritas especialmente para ter este efeito; o registro que existe atualmente é que esse efeito ainda é usado com grande frequência, em menor escala, em diversos parques de entretenimento pelo mundo.

APLAUSO: manifestação de agradecimento da plateia para com a obra; sua origem perde-se no tempo, mas compreende que possa ter



surgido em manifestações pagãs e religiosas. O gesto do apauso consiste em você elevar as duas mãos próximas ao peito e fazer um movimento de como *“você tirasse parte da sua energia e enviasse ao espetáculo que acabou de ver”*; como tempo foi adotado o som da palma que também se usava em rituais que necessitem de sons e agradecimentos para entrar em estado onírico através dos rituais que se acredita..

APOFENIA: Apofenia é o nome dado para um fenômeno cognitivo, quando alguém consegue identificar padrões e significados em coisas aleatórias, vagas e sem nenhum sentido real.

Em suma, a apofenia consiste na ação inconsciente de achar um significado ou chegar a uma conclusão que parte de informações incompletas ou coincidências. É uma tentativa do ser humano de achar um significado para aquilo que desconhece.

Para os psicólogos, a apofenia é entendida como um erro de percepção, uma característica que o ser humano desenvolveu ao longo de anos de evolução, tendo inicialmente um papel vital para a sobrevivência da espécie.

Em termos estatísticos, a apofenia pode ser classificada como um Erro do tipo I, ou seja, quando determinada ideia é concluída a partir de hipóteses ou de informações incompletas.

Proposto inicialmente em 1959, pelo neurologista e psiquiatra alemão Klaus Conrad, as apofenias são responsáveis pelo surgimento das superstições, mitos, crenças em atividades paranormais e etc. Todos os seres humanos apresentam níveis de apofenia – assim como de pareidolia – sendo este fenômeno um limite que pode caminhar para dois aspectos distintos: a paranoia ou a criatividade.

Fonte da informação:

<https://www.significados.com.br/apofenia/>

Veja também PAREIDOLIA.

APPÍA: Nascido em Genebra, no ano de 1862, Adolphe Appia, foi arquiteto e um grande teórico da iluminação, cenografia e música,

percebeu logo a importância da iluminação, obedecendo a formas geométricas, de maneira a incidirem sobre o espaço cênico, projetava a devida proporção de espaço dando uma dimensão mais completa ao artista em cena.

Appia fez parte de uma corrente teatral chamada Simbolista, que surgiu no século XX, cujo fundamento era criar na fronteira da realidade uma nova realidade através de símbolos, quebrando o realismo em cena, fazendo com que esse novo teatro e seu espaço sofressem uma grande revolução.

A partir dessa ideia de evocar imagens cênicas, a iluminação tornou-se de grande importância, originava-se então, uma nova configuração espacial com sombras e volumes reais, que até então só existia nas pinturas dos dioramas e caixas cênicas, alternando o visual ao espectador levando-o a alteração quanto à noção do espaço em cima de um palco.

Mas essa contribuição em quebrar paradigmas da época, substituindo a imitação (realismo) pela sugestão (simbologia), ao expor-se à importância da unificação do espetáculo (ordenando, entrosando e articulando os elementos criando a tridimensão cênica), havia toda uma liberdade de expressão em suas criações, e como todo vanguardista, sofreu enormes pressões e manifestos de negação sobre sua obra, vindo a ter uma enorme crítica, fazendo com que nos deixasse mais obras no papel (deixou inúmeros esboços) do que realmente em cena.

Faleceu em 1928, na cidade de Nyon, Suíça.

Veja também BOB WILSON, JAMES TURREL, JEAN ROSENTHAL, JOSEF SVOBODA, LOIE FULLER, MACCANDLESS, MAURIZIO NANNUCCI, PEGGY CLARK, ROBERT IRWIN e STEFANO PODA.

ARANDELA: luminária para uso em paredes com finalidade funcional e/ou estética e decorativa, pode ser embutida ou externa e com diversas fontes de iluminação.

Veja também LUMINÁRIA, LUSTRE, PENDENTE, PLAFON, REFLETOR e SPOT.



ARARA: nome dado ao cabideiro móvel de roupas e pode-se levar para onde necessitar fazer as trocas de figurinos.

ARCHOTE: outro nome da lamparina, uma pequena tocha, vem do espanhol HACHOTE: "tocha"; acredita-se que veio talvez do latim FAX: "feixe", pois era possível improvisar uma tocha com um "feixe" de ramos secos.

Veja também LAMPARINA e TOCHA.

ARCO DE CARBONO: arco de luz que se forma entre duas barras de carbono, produzidas através do ELETROMAGNETISMO.

Veja também LÂMPADAS DE ARCO.

ARENA: geralmente a arena é um palco circular cuja volta é a plateia; esse nome surgiu devido aos anfiteatros romanos, um dos mais conhecidos é o Coliseu, que devido a lutas de gladiadores entre si e com feras, seus ferimentos deixavam sangue durante as lutas, este sangue era coberto com "areia" que forrava esse local, daí surgiu o nome ARENA.

Veja ANFITEATRO e TEATRO DE ARENA.

ARGÔNIO: gás inerte usado em lâmpadas com princípio halógeno. Elemento químico encontrado na última coluna da tabela periódica e pertence aos gases nobres, possui número atômico 18 com símbolo "Ar".

ARMÁRIO DE DIMMERS: móvel em que se encontram os módulos de dimmers, podendo ser de duas maneiras:

1º) cada ponto individual do circuito que chega do palco, poderá estar instalado um ponto por canal do dimmer permanecendo fixo, portanto, o módulo de dimmer deverá comportar a quantidade total dos circuitos de palco, para que sejam programados na mesa (veja PATCH).

2º) todos os circuitos individuais que chegam à sala de dimmer, deverá estar indentificado de acordo com a mesma numeração de palco, e a cada nova

montagem deverá ser colocado manualmente em cada canal, conforme o mapa de luz (que deverá previamente conter essa informação), e depois de terminada a apresentação, deverá ser retirado e refeito a uma nova montagem.

Veja RACK DE DIMMER.

ARQUIBANCADA: estrutura, móvel ou fixa, que serve para acomodação do público; seu formato pode variar conforme a concepção do espaço e espetáculo.

Poderá encontrar em madeira ou metal, com ou sem cadeira, formada por praticáveis e peças de encaixe.

Veja também GUARDA-CORPO.

ARRI: fabricante de origem alemã (com fábrica também no E.U.A.) de iluminação para TV e cinema fundado em 1917.

Anteriormente, Arri fez uma série de mesas de iluminação, que foram as primeiras versões de mesas já produzidas pela ETC, que assumiu todo o controle de iluminação da Arri em 1995.

Site ARRI: <http://www.arri.de/>

ARTE DRAMÁTICA: refere-se a arte cênica, a arte do fazer teatral, no momento de interpretação do artista em união com sua obra.

ASBAI: ASBAI – Associação Brasileira de Arquitetos de Iluminação – reúne arquitetos que se dedicam a projetar a iluminação de edifícios, da paisagem e do espaço urbano. Procura divulgar e destacar a importância dos projetos de iluminação no âmbito da arquitetura, além de divulgar sua contribuição para o conforto e o embelezamento do ambiente urbano.

Tem como principal objetivo a qualificação do profissional atuante na área, além de caracterizar, divulgar e consolidar o escopo da atividade, relacionada exclusivamente à arte / ciência da iluminação.



Promove, ainda, a colaboração dos seus membros e associados com a indústria brasileira de luminárias, lâmpadas e reatores, para aprimorar o produto nacional – técnica, estética e economicamente – como garantia de sua competitividade nos mercados interno e externo. Busca, acima de tudo, a integração entre os profissionais da área, fomentando a troca de informações e o progresso geral da prática profissional.

Fonte de informação através do site:

<http://www.asbai.org/home/>

ATAQUE: gíria utilizada no Brasil, principalmente entre os profissionais de shows, utilizada para uso no disparo de um determinado efeito especial (de iluminação, cenário, pirotecnia, etc) no conjunto de uma cena. Também se pode dizer LUZ DE ATAQUE.

ATERRAMENTO: requisito de segurança elétrica que as partes metálicas dos equipamentos elétricos estão ligadas a um “terra comum” ou “ponto de terra”, para que em caso de excesso de corrente pode ser levado essa descarga para a terra.

Veja mais em NR (NORMAS REGULMENTADORAS).

ATO: diversas CENAS poderão formar um único ou mais atos numa representação artística (teatro, ópera, shows, etc); espetáculos podem contar uma ou mais atos, geralmente dividem-se espetáculos - com um tempo muito grande - em atos para troca de cenários, podendo se passar em outro local da ação dramática. A palavra vem do latim “actus” que seria: algo feito, parte de uma obra, impulso”, também de “agere”: levar a, guiar, colocar em movimento. Seu uso estende-se a diversas produções de filmes, programas de TV, etc.

Veja também ENTREATO.

ÁTOMO: é considerada a menor partícula capaz de identificar um elemento químico, que ao participar de uma reação química forma tudo que somos e temos ao nosso redor.

Minúsculas partículas que possuem, poderá ser encontrada também uma definição como a menor partícula de uma matéria e indivisível.

Para a junção química na formação da matéria, esses átomos possuem cargas que funcionam através de um núcleo (neutrons e prótons) e órbitas (elétrons):

- Prótons: tem carga elétrica positiva e uma massa unitária.
- Nêutrons: não tem carga elétrica, mas tem massa unitária.
- Elétrons: tem carga elétrica negativa e quase não possuem massa.

ATRIBUTOS: (*ou attributes em inglês*) são as características programáveis dos aparelhos robóticos, ou MOVING LIGHT; incluímos nesta lista PAN, TILT, FOCO, ÍRIS, SELEÇÃO DE GOBOS, FILTROS, SHUTTER (FACAS), CORES, etc.

Veja também MOVING LIGHT, PARÂMETROS e PERSONALIDADE.

AUDITÓRIO: vem do latim AUDI: “ouvir”, **TORIUM:** “objeto ou lugar apropriado para” (no sentido de trabalho), traduzido seria algo como: local para se ouvir. O auditório geralmente é utilizado para palestras, aulas, e geralmente tem capacidade para público não muito grande, também não possui os mesmos recursos que um teatro como urdimento, maquinaria cênica, coxia, canais para refletores, etc; alguns auditório podem até ser equipados com esses recursos de maquinaria, vestimenta e iluminação cênica, mas possuem deficiências técnicas como um teatro que é projetado para receber quaisquer tipos de espetáculos.

Veja também ANFITEATRO, PALCO, PLATEIA e TEATRO.

AUTOMAÇÃO: é todo o controle digital para acionamento de tarefas e processos operacionais num edifício construído, os comandos acionados através de dispositivos mecânicos ou APP e softwares destinados a esse fim.



O processo de automação num edifício deverá iniciar juntamente com todo o projeto, para que se evitem transtornos futuros com a infraestrutura já terminada.

Encontrará também com o nome de DOMÓTICA, adotada em alguns outros países de língua portuguesa.

Veja também CONSOLE e MESAS DE ILUMINAÇÃO.

AVOLITES: Fabricante britânica de produtos de consoles de iluminação e dimmers.

Site Avolites: <http://www.avolites.org.uk/>

B

BABADO: qualquer tecido que seja franzido ou pregueado, algumas BAMBOLINAS são feitas dessa forma; encontram-se cortinas também que são franzidas e possuem essa estrutura em sua forma.

Veja também VESTIMENTA CÊNICA

BACK LIGHT: termo em inglês para CONTRA LUZ ou LUZ DE CONTRA, serve para esculpir e ter uma tridimensão do objeto incidente.

Veja também ILUMINAÇÃO DE 3 PONTOS.

BACKINLIGHT: termo que encontrará na literatura em inglês, que significa "luz de apoio", ou seja, antigamente motivavam-se uma espécie de calhas com diversas lâmpadas ligadas em série ou paralelo (essa montagem dá-se o nome de STRIPLIGHT), eram colocados na frente da cena, nas laterais penduradas em coxias e serviam para criar a iluminação de preenchimento, melhorando as falhas da iluminação no espaço.

Veja também PARALELO, RIBALTA DE LED, SÉRIE e STRIPLIGHT.

BAINHA: podemos considerar 2 informações:

- 1) Estojo para facas, canivetes e espadas;
- 2) Acabamento dos tecidos (em FIGURINOS E VESTIMENTA CÊNICA), com a finalidade de não se romperem.

Veja também ILHÓS.

BAIXA TENSÃO: a voltagem/corrente que alimentam nossas cidades em 110V e 220V.

BALASTRO: é outro nome para o REATOR, não é uma nomenclatura muito utilizada no Brasil.

Veja REATOR.

BAMBOLINA: faixa de tecido que faz parte da vestimenta cênica e permanece acima da cena; tem por finalidade esconder os refletores e urdimento, unindo as partes superiores das pernas no rompimento, são manipuladas conforme a necessidade do espetáculo manual ou eletronicamente, podendo em alguns casos, ter seu controle variado durante um espetáculo via DMX ou mesa de comando específica; seu uso é para dar acabamento aéreo nas cenas dos espetáculos, mas em algumas montagens mais contemporâneas poderá ter seu uso abolido conforme a montagem. Sua origem vem do grego BAMBALIZEIN: "oscilar, balançar, tremer".

BAMBOLINA MESTRA: é a BAMBOLINA que fica na frente do palco, um pouquinho a frente da CORTINA, permite regular a BOCA DE CENA na parte superior.

Veja também BAINHA, BAMBOLINA, CICLORAMA, CORTINA, COXIA, DIORAMA, IGNIFUGADO, ILHÓS, REGULADORES DE CENA e ROTUNDA.

BANNER: é uma peça publicitária, podendo ser em sistema digital (que geralmente tem um link para uma página), mas para nós interessa os modelos físicos que tanto aparecem nos eventos, seja nos palcos, nas entradas e fachadas de eventos, em locais especiais da coletiva de fotos, a grande maioria pede uma



atenção na iluminação especial, deverá ser levada em conta que essas peças são a imagem central do evento, não podem ser esquecidas de serem muito bem iluminadas, hoje em dia temos os LED que nos auxiliam muito nesse sentido.

Veja também TOTEM (PUBLICITÁRIO).

BANK: é o banco de dados de um efeito num determinado botão, ou seja, nos consoles digitais é o armazenamento para um comando, podendo agrupar diversos efeitos e comandá-los através de um botão; esse agrupamento abrange dimmers e aparelhos robóticos. O nome BANK é muito visto em consoles digitais menores, mas o recurso existe para todos os consoles digitais e poderá atribuir outros nomes, dependerá da marca e modelo da fabricante.

Veja também CENA e PRESET.

“BANDOR”: Veja o nome correto BARNDOOR.

BAQUELITE: material de plugues e tomadas em geral, quando queima tem um cheiro desagradável de amônia.

BARNDOOR: popularmente conhecidos com os nomes de “bandors” ou “bandôs”, um dispositivo de duas ou quatro abas, rotatória ou não, muito comum seu uso em refletores tipo PC, Fresnel e colortrans, servem para melhorar o direcionamento do fecho da luz, de maneira que não interfira em todo o espaço cênico, ou não atrapalhe a visão do público. Traduzindo do inglês “Portas de celeiro”.

Veja também BLACK WRAP.

BARRAS: barra de metal carregando alimentação elétrica de entrada no qual racks dimmer portátil ou outras exigências de grande poder pode ser conectado diretamente. Um recipiente contendo barras é uma secção do barramento.

BARRA DE CENÁRIO: vara móvel que se encontra acima da caixa cênica, geralmente as varas de cenário existem em maior quantidade nos teatros, é muito prática para a troca de cenário, ou objetos que podem subir e descer, e ficam escondidos no urdimento do teatro; é um recurso que pode ser manipulado manualmente ou eletronicamente.

BARRA DE PROSCÊNIO: barra de iluminação aérea posicionada a frente do palco apenas da boca de cena ou acima do proscênio.

BARRA DE ILUMINAÇÃO: barra feita para sustentação e suporte dos refletores na posição aérea, acima da cena, nela encontram-se os CANAIS (ou podemos chamar também de CIRCUITOS), normalmente são numeradas e fazem a conexão do refletor para o dimmer; nessas varas também poderá encontrar conexões DMX e linhas de AC 127V e/ou 230V.

Podem existir diversas varas de luz dentro de uma caixa cênica, deve-se sempre conhecê-las antes de fazer um plano de iluminação, não existe nenhum modelo padrão; mesmo que BARRA ELÉTRICA.

Veja também, DIMMER, DMX, RACK DIMMER e ARMÁRIO DE DIMMER.

BARRA DE ILUMINAÇÃO FRONTAL: vara de iluminação a frente do palco, em diversos teatros são encontrados até dois ângulos de iluminação frontal que são 30° e 45°; (Leonardo Da Vinci, após vários estudos, concluiu que o melhor ângulo para iluminar um rosto de forma perfeita seria de 45°), geralmente tem seu acesso através de passarelas acima do público.

BARRA ELÉTRICA: mesmo que BARRA DE ILUMINAÇÃO.

BASE DE “LUZ”: gíria usada no meio técnico que significa que o operador tem uma gravação de luz coringa, uma gravação que servirá para diversas situações; isso ocorre quando temos pouco tempo de montagem e



deixamos um "PRESET na mão", ativando-o quando necessário.

BASTIDOR: são as laterais fora da cena, é uma área preferencialmente escondida do público pelas "PERNAS" ou "COXIAS", com as finalidades:

- fazer diversos movimentos de entrada e saída de objetos cênicos, cenários, elenco;
- esconder os cenários, figurinos de troca;
- local onde o artista se concentra antes de entrar em cena.

A palavra origina-se do espanhol **BASTA:** que são "pontos feitos para manter o 'recheio de um colchão' firme no lugar" e deriva a palavra "BASTEAR", o que dá a entender que é para manter o local organizado para que ocorra sua função sem problema algum.

Importante ver também **COXIA** e **PERNA**.

BASTONETES: células fotossensíveis que auxiliam na visão em locais com pouca intensidade de luz ou na luz noturna, também conhecida como **VISÃO ESCOTÓPICA**.

Existem em torno de 120 milhões desses fotorreceptores.

Veja também **CÉLULAS FOTORRECEPTORAS**, **CONES**, **VISÃO CROMÁTICA**, **VISÃO MESÓPICA**, **VISÃO ESCOTÓPICA** e **VISÃO FOTÓPICA**.

BATALHA DAS CORRENTES: veja em **GUERRA DAS CORRENTES**.

BEAM: termo em inglês que distingue a concentração do foco de luz central em lâmpadas tipo **SEALED BEAM**; esse tipo de lâmpada costuma concentrar mais a luz central, que tecnicamente é chamada de **BEAM**, a sua volta uma luz mais espalhada tecnicamente conhecida como **FIELD** (ou campo da luz).

Veja também **FIELD** e **LÂMPADA SEALED BEAM**.

BEAMLIGHT: uma lâmpada tipo **SEALED BEAM**, produz um fecho intenso e estreito de luz, no Brasil temos a "Pean Bean"; tem sua variação nas lâmpadas **PAR**.

BIFOCAL: Veja **ELIPSOIDAL MONOFOCAL** e **ELIPSOIDAL BIFOCAL**.

BIOLUMINESCÊNCIA: veja detalhes em **FOTOLUMINESCÊNCIA**.

BITOLA: gíria usada para determinar a espessura de um fio ou cabo, ou seja, define seu diâmetro.

BLACKOUT / BO: considere as seguintes informações:

- 1) a ausência completa de iluminação de palco;
- 2) é também o ato de desligar (ou desaparecer) a iluminação de palco numa determinada cena ou final do espetáculo;
- 3) para a execução de **TEATRO NEGRO** (ver adiante) é necessário a utilização de **B.O.** para não aparecer os manipuladores.

BLACKWRAP: (produto da marca **LEE**) sua fabricação é em alumínio preto e tem como finalidade mascarar temporariamente a luz que sai do corpo de qualquer refletor, ou para controlar o vazamento de luz. Existe também uma versão autoadesiva desse produto.

A fabricante **ROSCO** produz o mesmo material com o nome de **CINEFOIL**.

BLADE: traduzido do inglês seria "lâmina", refere-se as "FACAS de recorte" encontrado em diversos aparelhos **ELIPSOIDALIS** e robóticos como os **MOVING LIGHTS** e **PROJETORES** que apresentem tais funções.

Veja também **FACA** e **SHUTTER**.

BLUE: termo em inglês para a cor Azul; é uma **COR LUZ primária**.



Veja mais em GREEN, RED e RGB.

BOB WILSON: artista plástico e encenador americano, que inovou a arte da iluminação cênica em espetáculos de ópera, teatro e dança, partindo de uma estética minimalista, trouxe aos palcos uma nova forma de criar situações com a iluminação, fazendo com que suas cenas iniciem seu desenvolvimento dramático a partir de um pensamento sobre a iluminação, seguido de envolvimento e preenchimento espacial na cena.

Veja também APPIA, JAMES TURREL, JEAN ROSENTHAL, JOSEF SVOBODA, LOIE FULLER, MACCANDLESS, MAURIZIO NANNUCCI, PEGGY CLARK, ROBERT IRWIN e STEFANO PODA.

BOCA DE CENA: construção que separa o auditório do palco, geralmente é uma construção fixa, auxilia no fechamento do palco e faz parte do conjunto de fechamento da cena com REGULADORES DE CENA e BAMBOLINA MESTRA.

BOOSTER: equipamento que amplifica/intensifica sinais para grandes distâncias.

BORDA BRANDA: gíria utilizada para dizer que a borda do foco de iluminação deveráter sua borda dispersa; esse efeito é causado com lentes tipo FRESNEL, a desfocagem de refletores e com FILTROS DIFUSORES. Lâmpadas tipo PAR também causam esse efeito.

Veja também BEAM, FIELD e LÂMPADA SEALED BEAM.

BORDA DURA: gíria utilizada para dizer que a borda de um refletor deve ser muito bem focada e bem marcada, isso é possível com os aparelhos: CANHÃO SEGUIDOR, ELIPSOIDAL e PC. Lâmpadas tipo AR também possui um fecho com esse tipo de borda e concentração da luz central.

Veja também BEAM, FIELD e LÂMPADA SEALED BEAM.

BORNE: peça metálica que lembra o formato de um parafuso com uma perfuração no centro, possui uma rosca que pressiona para a união dos cabos. Essa peça deve sempre ser executada com a ajuda de um profissional eletricista.

Veja também "JAMPEAR".

BOX TRUSS: Estruturas modulares, geralmente fabricadas por extrusão, projetadas em alumínio ou ferro, que através do encaixe de várias peças, permitem a montagem de palcos e estruturas cênicas com segurança.

Veja também GRID.

BRILHO: quantidade de luz emitida ou refletida por uma luz numa determinada área ou superfície. A origem da palavra vem do Latim BRILLUS: "qualidade daquilo que emite luz ou dá reflexos"; derivado do Grego BERYLLOS: "o nome de uma pedra que devolveva intensamente a luz".

Veja também PROPRIEDADES DA COR.

BULBO: invólucro de vidro da lâmpada servindo de retenção, proteção e segurança dos gases internos.

BUMP: botão de comando que fica abaixo dos FADERS que são acionados com um clique, recurso encontrado em consoles analógicos e digitais; também são conhecidos como "botões de disparos", que em alguns consoles digitais pode ter seu comando acionado como temporizador de entrada, fixação e saída de efeito num único clique.

Veja também FADER.

BUTTERFLY: termo utilizado em estúdios de fotografia que se refere a um estilo de iluminação para retratos em que, através de uma única fonte com luz frontal e acima do que se quer iluminar, forma-se a sombra de



uma “borboleta” abaixo do nariz, devido ao ângulo da luz.



CABINE DE CONTROLE: local posicionado geralmente atrás do público, que permite a visualização e audição do espetáculo num teatro ou qualquer local em que acontece uma apresentação artística, permitindo assim a operação do espetáculo; dentro da cabine podemos encontrar as mesas de iluminação, som e projeção, em alguns locais até projetores de cinema quando o espaço é multiuso. Pode ser chamada também com o nome de “HOUSE MIX”.

CABO: fio condutor de energia elétrica, cada cabo possui um diâmetro e uma espessura, as questões de espessura podem conectar um refletor individualmente ou em grupo (PARALELO).

CABO DE SEGURANÇA: material de segurança produzido em metal flexível, que junto ao refletor, ou outros materiais da cena, impossibilita-o de uma queda.

Veja também GANCHO.

CABO DE LAÇO: popularmente conhecida no Brasil como “agarrador”, “fita Hellerman”, ou somente “cinta”, é um material plástico muito resistente usado para amarrar e unir cabos, entre muitas outras coisas, existe vários tamanhos, e seu uso deverá ser verificado junto as informações técnicas do fabricante do produto antes de seu uso. Veja também ABRAÇADEIRAS.

CABO DE REDE: cabo utilizado para conexão entre dispositivos eletrônicos, estabelecendo uma comunicação de dados num único cabo. É o famoso “cabo azul”.

Veja também PROTOCOLO DMX

CAD (Computer-aided Design) ou DAC (Desenho Assistido por Computador): a princípio usado nas mais diversas áreas da engenharia e na área de iluminação e espaço cênico, esse software nos permite a composição de mapas de iluminação e desenhos de cena em planos 2D e também para visualização do espetáculo em 3D; é possível compor uma iluminação junto ao cenário e elementos cênicos e visualizá-lo num ambiente virtual nos mais diversos ângulos.

Veja também WYSIWYG.

CAIR O PANO: gíria usada no momento em que se fecham as cortinas nos ENTREATOS ou ao término do espetáculo.

CAIXA DE PARALELO: projetor geralmente fabricado artesanalmente, feito com uma carcaça em madeira em formato retangular onde se colocavam diversas lâmpadas ligadas em paralelo; seria algo parecido com as ribaltas que temos atualmente, mas eram usadas para uma iluminação geral, em diversos ângulos. Para obter as cores fazia-se uso de FILTROS (existem registros que utilizavam o papel celofane) ou as próprias lâmpadas eram coloridas.

CAIXA CÊNICA: gíria no ramo artístico que significa PALCO.

CAIXA PRETA: forma de expressão utilizada para designar um PALCO com suas estruturas de COXIAS e BAMBOLINAS pretas.

CAMADA DE VALÊNCIA: para nosos estudos em iluminação, precisamos entender que na física temos um efeito que ocorre quando um

Para saber mais acesse o link:
<http://alessandroazuos.com.br/>



átomo possui uma distribuição eletrônica em sua volta conhecida como: eletrosfera, consideramos uma espécie de órbita (camada) e que sua última é conhecida como CAMADA DE VALÊNCIA.

Para que tenhamos o processo da “aparição” da luz, temos que saber que os átomos dos gases componentes das lâmpadas são excitados pela eletricidade, ocorre a liberação dos elétrons que “passeiam” nessas órbitas (por isso chamada de eletrosfera), até chegar à CAMADA DE VALÊNCIA; é nessa última camada que o elétron se desprende do átomo e logo em seguida é “substituído por outro sucessivamente enquanto estiver ocorrendo a excitação”, é assim ocorre o processo da luz visível propriamente dita.

Veja mais em GASES NOBRES.

CAMAROTE: parte nobre e segmentada para acomodação de poucas pessoas que compõem a arquitetura interna de um teatro; trata-se de um espaço reservado de assentos, geralmente em um andar superior, onde costumam constar vários andares. A ideia é assegurar exclusividade e privacidade para uma classe em que a burguesia não se misturava com a plebe, que ficava numa plateia mais abaixo.

Sua etimologia deriva do diminutivo da palavra latina “câmara” – que seria algo como “quarto com teto recurvo”, do grego “kamara”, idem, com a base indo-Europeia kam-, “arco”.

Veja também FRISA, GALERIA e POLEIRO.

CAMPO: também conhecido com o termo técnico: FIELD; refere-se a propagação total do alcance da luz através de seu fecho num determinado espaço.

Veja também SEALED BEAM.

CANAL: é um CIRCUITO que faz o caminho entre um refletor (ou lâmpada) e um dimmer através de uma corrente elétrica, é através de um CANAL que ocorre seu controle por um console (processo físico) ou software ou mesmo APP (processo virtual); também

chamamos de “canal” o número de ATRIBUTOS que um aparelho robótico (MOVING LIGHT ou aparelhos em LED) possui.

Veja também CIRCUITO.

CANDEEIRO: é o mesmo que LAMPARINA, porém usado de forma poética, acredita-se que sua origem venha do indo-europeu KAND: “brilhar, emitir luz”. Viria a ser *CAND*, em sânscrito, com o mesmo sentido. No grego passaria a formar a palavra KANDAROS: “carvão”, já que ele emite luz e calor quando aceso. No latim usaria essa raiz no verbo CANDERE: “ser brilhante, branco, queimar”, que nos deu grande número de verbetes derivados e muito parecidos entre si, que teremos na sequência.

Veja também ARCHOTE, LÂMPADA, TOCHA e VELA.

CANDEIA: é mesmo que VELA, muito utilizada por diversas regiões do Brasil e também em Portugal. Usa-se com o nome de CANDELA com o mesmo contexto de

TOCHA e VELA.

CANDELA: unidade de medida de luz de lâmpadas com fecho direcionado, seu símbolo é “cd” (em minúsculo). Essa palavra também tem sua origem como descrita em CANDEEIRO.

CANDELABRO: peça de luminária pendurada no teto, composta com diversos braços para colocação de lâmpadas em sua extensão; surge do latim CANDELABRUM: “candelabro” nome dado ao mesmo objeto descrito, mas antigamente colocavam-se velas.

Veja também ARCHOTE, LÂMPADA, TOCHA e VELA.

CANETA OU LÁPIS BRANCO: lápis de cera utilizado para a marcação dos números de identificação em filtros de iluminação.

Para saber mais acesse o link:
<http://alessandroazuos.com.br/>



Para saber mais acesse o link:
<http://alessandroazuos.com.br/>

DICIONÁRIO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA

*Essa obra “**DICIONÁRIO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA**” é resultado de minhas pesquisas que faço há mais de 17 anos.*

*São investigações desde uma época em que não tínhamos a internet como é hoje, épocas que as buscas eram bem complicadas e resolvi começar a guardar meu material de alguma maneira, foi aí que em 2009 criei o blog “**Cartilha de iluminação cênica**” - que está entre os mais antigos do país - e comecei a registrar nessa plataforma digital minhas pesquisas e conteúdos relevantes sobre as criações e atividades na iluminação cênica, assim como outros assuntos que orientam à uma nova forma de “enxergar” a iluminação para o entretenimento.*

Este E-book é indicado para você profissional, estudante e pesquisador em iluminação cênica, tendo como abordagem técnica e aplicada quanto ao vocabulário que utilizamos em nosso dia a dia na profissão de iluminação.

